

## ALIENAÇÃO E DESALIENAÇÃO EM FRANTZ FANON, UM PSIQUIATRA ANTICOLONIAL

ALIENATION AND DISALIENATION IN FRANTZ FANON, AN ANTICOLONIAL PSYCHIATRIST

José Victor Alves da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir de uma retomada dos textos e trajetória de Frantz Fanon, discuto como o problema da alienação aparece em sua teoria, com destaque para sua obra teórica e prática de caráter psicológico. Nesse intuito, associo seus escritos e as experiências profissionais e militantes de Fanon para articular seu trabalho clínico e intelectual, reconstruindo sua perspectiva ético-política do problema colonial. Minha ênfase está na aposta feita pelo autor no engajamento como contraface do problema da alienação, tanto na dimensão subjetiva do indivíduo e o tratamento da alienação psíquica, quanto na dimensão política da sociedade e a luta contra a alienação colonial no seu sentido mais amplo. Para isso, utilizo alguns dos seus textos menores e de ocasião, além dos seus livros. Identifico, assim, a permanência de uma perspectiva acional da alienação, baseada na necessidade da desalienação através do engajamento em processos humanizadores e na luta política de descolonização.

**Palavras-chave:** filosofia africana, anticolonialismo, alienação, engajamento

**Abstract:** *From a review of Frantz Fanon's texts and trajectory, I discuss how the problem of alienation appears in his theory, with emphasis on his theoretical and practice work of psychological character. To this end, I associate his writings and Fanon's professional and militant experiences to articulate his clinical and intellectual work, reconstructing his ethical-political perspective on the colonial problem. My emphasis is on the author's bet on engagement as a counterface to the problem of alienation, both in the subjective dimension of the individual and the treatment of psychic alienation, and in the political dimension of society and the fight against colonial alienation in its broadest sense. For this, I use some of his smaller and occasional texts, in addition to his books. I thus identify the permanence of an actional perspective on alienation, based on the need for disalienation through engagement in humanizing processes and the political struggle for decolonization.*

**Keywords:** *african philosophy, anticolonialism, alienation, engagement*

---

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia (2021) e Mestrando em Ciência Política na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: josev.alves.silva@gmail.com.

## Introdução

É de uma perspectiva universalista de responsabilização que Frantz Fanon (1925-1961), psiquiatra martinicano e militante anticolonial repatriado argelino, introduz que todos os problemas da humanidade podem ser reconduzidos ao seguinte questionamento: “Será que eu, em função de minhas ações ou abstenções, contribuí para a desvalorização da realidade humana?” (Fanon, 2020, p. 37). Neste artigo, analiso os seus escritos abordando o conceito de *alienação* junto com a sua contraface, o *engajamento*, como “fios-condutores” de compreensão de toda a obra fanoniana. Como atuação complementar à sua conhecida participação na frente de libertação nacional da Argélia, destaco o papel de Fanon como médico e psiquiatra revolucionário.

Fanon entendia que a alienação do povo dominado causada pelo colonialismo provoca necessariamente o adoecimento físico e psíquico das pessoas colonizadas (Fanon, 2020b, 2020, 1968, 2021). Justamente, suas preocupações e energias estavam na busca pela solução do problema, cura ou tratamento da doença. O problema da alienação envolveria imediatamente a tarefa de *desalienação*, cujo engajamento por parte dos sujeitos alienados seria uma condição necessária para tal. Este desafio foi assumido a partir de uma *abordagem sociogênica*, que vincula as dimensões individuais subjetivas e sociais objetivas, e da *práxis revolucionária*, que articula teoria e prática (Faustino, 2018a, 2022).

O problema da alienação na sua trajetória foi bastante canalizado na sua atuação profissional como psiquiatra, com atendimentos clínicos, organização e coordenação de instituições hospitalares, realização e divulgação de seus experimentos psiquiátricos e socioterápicos em pesquisas e debates científicos, além de uma experiência como professor em curso superior de sociologia e psicologia (Khalifa, 2020). Ao mesmo tempo, sempre esteve preocupado com o fato de que, se a dominação de colônias asiáticas, africanas e americanas pelas metrópoles europeias estabelecia um regime de opressão baseado no racismo, na exploração, estagnação, segregação e no encarceramento prisional e manicomial, não há tratamento possível que realize uma plena humanização das pessoas dentro deste sistema colonizador.

Nesse processo, é importante frisar que o trabalho de Fanon contribuiu para a Reforma Antimanicomial, a reforma psiquiátrica que recusou o aprisionamento em manicômios e hospícios como solução para problemas de saúde mental (Passos, 2018). De acordo com Jean Khalifa, organizador dos escritos psiquiátricos fanonianos, o doutor Fanon:

Privilegiou a clínica hospitalar, realizou pesquisas originais, que apresentou em congressos, publicou-as, dirigiu trabalhos universitários e exerceu impacto considerável sobre a vocação e a carreira de internos e enfermeiros – o que cedo lhe granjeou a reputação de médico que revolucionava a prática dominante (Khalifa, 2020, p. 22).

Junto a isso, logo após iniciar essa trajetória profissional que afetou o próprio campo em apenas uma década, Fanon canalizou suas preocupações com a alienação também no trabalho político com os movimentos de libertação africanos. Assim, os dois processos foram interligados, a clínica pública e o anticolonialismo, sua obra científica e sua obra política, em uma dialética “da psiquiatria e da sociologia, da subjetividade e da história”, cuja força e modernidade, diz Khalifa (2020, p. 24), tomou uma noção de alienação que articula as três dimensões: filogênica (constituição orgânica), ontogênica (história individual) e sociogênica (vínculo sócio-histórico)<sup>2</sup>.

Em sua Tese de Exercício em Psiquiatria, defendida em 1951 para aprovação da sua carreira profissional, Fanon contrariou a tendência predominante da época de compreender a saúde mental apenas em aspectos metafísicos ou biológicos, sem historicidade ou sociabilidade. Ali já refletia que “a história consiste na valorização sistemática dos complexos coletivos” (Fanon, 2020b, p. 363). Para compreender a loucura como fenômeno intersubjetivista, apresenta as relações sociais como elemento de tensão no desenvolvimento da personalidade. Assim, afirma que “o louco, diante da desordem do mundo”, que desorganiza sua consciência, encontra apenas duas saídas: “rompe o círculo por meio de violência praticada contra o mundo exterior ou ataca a si mesmo” (*Ibidem*, p. 377). Para Khalifa,

A resolução desse problema inicial pode ser considerada uma condição teórica para seus trabalhos relativos ao impacto dos fatores sociais e culturais sobre o desenvolvimento das doenças mentais e, em consequência, para seu pensamento posterior sobre a alienação. (Khalifa, 2020, p. 25).

Uma das suas preocupações era recusar a naturalização da compreensão das doenças mentais como condições biológicas inatas de determinados grupos humanos, assim recusando a busca exclusiva de tratamentos apenas pela observação das características físicas ou fisiológicas, estritamente orgânicas, das pessoas adoecidas. Por sua vez, como ele discute em *Pele negra, máscaras brancas*, também não se trata apenas da investigação da história do paciente individualmente, como na psicanálise tradicional, mas também da sociedade em que vive, pois os adoecimentos são condicionados pelas relações sociais, que, enraizadas no mundo colonial, são subjetivamente condicionadas pelo colonialismo e pelo racismo.

---

<sup>2</sup> Conforme explica o sociólogo Deivisson Faustino: “A filogenia é o estudo daquilo que nos é universal, seja enquanto estrutura neuroquímica seja enquanto aparelho psíquico, e a ontogenia é a compreensão da trajetória individual e singular de constituição do sujeito. Na sociogenia, Fanon reclama a atenção psicológica para os contextos sociais, culturais e as relações de poder sob os quais a subjetividade se estrutura” (Gaudenzi, 2023, p. 2523).

Assim, os estudos e posicionamentos de Frantz Fanon no debate médico-psiquiátrico fornecem elementos a partir dos quais ele elabora sua filosofia anticolonial e sua abordagem da alienação. Em geral, o seu conceito de *alienação* se refere à interdição da realização das potencialidades de uma pessoa ou grupo de pessoas, seja em relação à aquisição material de bens e serviços necessários à reprodução de uma vida digna (uma alienação material, econômica), seja em relação à integração cultural (direito à saúde mental, educação, acesso à bens e serviços culturais e o reconhecimento das contribuições históricas e sociais do povo a qual se pertence) (Zahar, 1976, pp. 47-48). Em *Pele negra* e outros escritos, suas preocupações sobre a alienação estão sobretudo neste segundo sentido, se concentrando mais diretamente em uma dimensão cultural, psicológica e epistemológica da dominação: a internalização subjetiva da opressão como fator normalizado de funcionamento da sociedade (*Ibidem*). No mundo colonial, essa também chamada de alienação *psíquica* ou *intelectual* se fundamentaria na internalização do racismo<sup>3</sup>.

Nesse processo, o principal fator social para compreender a alienação é o colonialismo. Conforme Fanon (1980) discursa em *Racismo e cultura* (1956), o racismo faz parte do empreendimento colonial, junto com as dimensões militar e econômica. Concebendo o colonialismo de uma perspectiva globalizante, entende que a *situação colonial*, conceito utilizado desde *Pele negra* aos *Condenados*, é “a totalidade estruturante das relações de poder sob dominação étnico-racial que constitui o fenômeno do colonialismo” (Silva, 2023, p. 155). Logo, essa alienação também se caracteriza como uma *alienação colonial*, sendo esta, por sua vez, investigada junto com os seus trabalhos em torno da *alienação psíquica* (Fanon, 2020, 2020b).

A psiquiatria dominante da época, contaminada pela etnopsiquiatria colonial essencialmente biologizante, eurocêntrica e racista, não encontrava solução qualificada para os problemas de saúde mental (Khalifa, 2020). Mas para o psiquiatra de origem afro-caribenha, o estudo da alienação psíquica exige justamente encontrar os meios para a desalienação da pessoa adoecida. E tratando-se de alienação colonial, a desalienação mais ampla de um povo devem envolver processos descolonizadores, nos quais as pessoas participam de todas as esferas de atuação e decisão de um projeto de construção nacional ou refundação da sociedade, uma “nova humanidade”, baseada em um *novo humanismo* (Fanon, 1968, ver também 1980, 2021a).

Para Fanon, um indivíduo também se liberta – numa espécie de descolonização mental – através da participação nesse processo de descolonização da sociedade, a partir do qual ele

---

<sup>3</sup> Segundo a cientista política Renate Zahar (1976, pp.47-48), da perspectiva fanoniana: “a superioridade branca que é imposta pela força brutal dos colonizadores, depois justificada por uma pretensa inferioridade racial dos indígenas, é reconhecida pelos próprios oprimidos no processo de alienação. [...] Dada a impossibilidade de reconhecer e desenvolver a sua própria personalidade e as suas próprias potencialidades, a alienação tem sempre aspectos, ao mesmo tempo, econômicos e intelectuais”.

“constrói, organiza, legisla, planifica” (*Idem*, 1980, p. 125). Logo, a *descolonização*, como ele entendia e reforçava, não se conclui espontaneamente, tampouco será entregue gratuitamente pelo colonizador, mas se realiza por meio do engajamento do próprio povo que se liberta com “seus músculos e seu cérebro” (*Idem*, 1968, p. 119). Além disso, ressalta que a descolonização é um “fenômeno violento” e não poderia deixar de ser, pois a colonização foi fundada através da violência e os colonizadores não interrompem a opressão que os beneficiam se eles não forem, de alguma forma, violentamente interrompidos pelos colonizados (*Ibidem*, p. 25). Assim, no seu último livro, resume que “a descolonização, que se propõe mudar a ordem do mundo”, é um violento processo histórico de realização de “um programa de desordem absoluta”, porque estabelece uma nova ordem social, na medida em que o povo passa a participar, em todas as suas dimensões, do processo de re-construção efetiva do território em que vive (*Ibidem*, p. 26). Então, para que a descolonização seja efetivada, apostou em processos individuais e coletivos que libertem e humanizem as pessoas colonizadas e adoecidas através de ações nas quais elas mesmas se engajam ativamente, seja no seu tratamento psiquiátrico, seja na militância anticolonial.

Portanto, o problema da alienação, junto com o processo de desalienação, é um dos temas fundamentais de todo o trabalho de Fanon, prático e teórico, inseparável da necessidade de *engajamento*; também este um tema fundamental tanto nos livros publicados quanto em geral no conjunto dos seus escritos políticos e psiquiátricos, bem como nos chamados teatros filosóficos (*Idem*, 2020a). Conforme observa Silva:

Desde seus primeiros escritos, o apelo à ação esteve presente no pensamento fanoniano, como se revela com a publicação da sua peça escrita em 1949, *O olho se afoga*, onde diria através do personagem Lucien, “quando as palavras se encrespam de pelos, resta apenas um recurso: a ação” (Silva, 2023, p. 168).

Ao longo da sua carreira, sua profissionalização como médico psiquiatra revolucionário o levou à conciliar e até mesmo combinar o trabalho da clínica hospitalar com uma colaboração direta com a frente de libertação da Argélia (Zahar, 1976). Não à toa que, em *Guerra Colonial e Perturbações Mentais*, Fanon dedica este capítulo final do *Condenados* para tratar especificamente de adoecimentos físicos e psicológicos de argelinos e franceses relacionados à persistência do colonialismo. Naquelas “notas de psiquiatria”, ele demonstra que tanto colonizados quanto colonizadores se tornam, cada qual à sua maneira, vítimas da guerra colonial sustentada pelo governo colonizador e apoiada de diferentes maneiras pelo conjunto da nação estrangeira.

Nas seções seguintes, demonstrarei como a psiquiatria impactou a vida e obra de Fanon, manifestando a permanência de uma perspectiva *acional* sobre a alienação e como essa perspectiva foi articulada em seus escritos políticos. Veremos que essa perspectiva ético-política focada na

ação, na reação ao problema, implica na responsabilização humana como meio de transformação da passividade social, diante da opressão sistêmica, em atividade ou reatividade engajada contra as opressões sociais.

### **Europeus, Antilhanos e Africanos**

Conectando-nos com a tematização feita pelo autor em seus escritos, discuto nesta seção as origens das preocupações de Frantz Fanon em torno do problema da alienação durante sua trajetória. Com sua morte aos 36 anos, as lutas de libertação africanas se tornaram o último ponto de vazão de angústias que na verdade surgiram ainda na sua juventude, diante da alienação colonial. Ao retornar à ilha da Martinica em 1945, depois do serviço militar prestado à resistência francesa contra as tropas alemãs nazistas, Fanon se reencontra com aquela população que, antes relativamente acomodada com a administração colonial, agora começava a questionar sua situação racial psicologicamente alienada e começava a sistematizar “pela primeira vez a sua consciência política” (Fanon, 1980, p. 23-30).

Diferente de colônias de povoamento como era a Argélia, a Martinica contava com uma população geral composta quase que apenas por antilhanos de origem africana. Sob regime colonial francês desde o século 17, havia em sua terra natal um racismo alimentado por serviços administrativos, instituições de ensino, costumes culturais, etc., que promovia a sobrevalorização do mundo francês (da Europa), a identificação da população nativa com essa cultura e consequentemente a rejeição da cultura de ascendência negro-africana. Com efeito, essa autoimagem europeizada presente na mentalidade antilhana foi reforçada por sua diferenciação em relação aos “povos (mais) escuros” da África. Em *Antilhanos e Africanos*, texto de 1955 para a revista francesa *Esprit*, Fanon (2021, p. 57) narra essa história:

Antes de 1939, o antilhano se dizia feliz, ou ao menos acreditava nisso. Votava, ia à escola quando podia, seguia as procissões, gostava de rum e dançava *biguine*. Os que tinham o privilégio de ir à França falavam de Paris, de Paris, enfim, da França. E os que não tinham o privilégio de conhecer Paris se deixavam levar por essas histórias. Havia também os funcionários trabalhando na África. Por meio deles se via um país de selvagens, de bárbaros, de nativos, de empregados domésticos. [...] Entre todos os antilhanos, antes da guerra de 1939, havia a certeza não apenas de uma superioridade em relação ao africano, mas de uma diferença fundamental. O africano era um preto e o antilhano, um europeu.

A cultura predominante da colônia caribenha era de uma autoimagem alienada, pois projetava uma identidade falsa para os martinicanos, que acreditavam que a sua população era uma extensão do povo francês, porém habitantes dos territórios franceses no chamado “Ultramar”; se

distanciando, portanto, não só das suas origens afro-caribenhas, mas também da percepção da desigualdade existente entre o povo europeu das metrópoles e o povo antilhano das colônias.

Contudo, a vinda de marinheiros metropolitanos escancara a diferença racial, impactando profundamente aquela perspectiva. Um “racismo totalitário” tomou conta da Martinica por causa dos soldados franceses que chegavam à ilha exilados do Regime de Vichy (Geismar, 1972, p. 33 *apud* Faustino, 2018, p. 33). Ao mesmo tempo, tanto o racismo europeu quanto sua reprodução pelos antilhanos encontraram oposição no insurgente movimento intelectual, estético e político de valorização da estética e da cultura negro-africana, chamado de *nègritude*, ali centrado na figura de Aimé Césaire, ex-professor de Fanon. Conforme analisa Faustino (2018, p. 35):

Apesar da predominância da cor *noir* [preta] entre os habitantes, havia um repúdio comum a tudo aquilo que se identificava como *nègre* [termo pejorativo]. Mas este cenário mudara radicalmente e agora o martinicano se via obrigado a “descobrir” não apenas a sua cor (*noir*) – o que por si só já seria suficiente para cindir a imagem [de francês] que alimentava sobre si – mas, sobretudo, descobrir a sua diferença como amaldiçoada (*nègre*) e, ao mesmo tempo, como possibilidade de fazer frente à maldição (*nègritude*).

Logo, a *nègritude* se tornou uma filosofia de oposição ao *embranquecimento* (Fanon, 2020). Iniciada desde aí suas observações críticas sobre o Negro colonizado, africanos e afrodescendentes, Fanon realiza seus estudos psicossócio-históricos sobre a alienação de quem caberia a metáfora da pessoa de pele negra vestindo uma máscara branca; como também aponta a alienação do Branco colonizador, europeus e eurodescendentes.

Naquele último ano em que estive na ilha, participou da campanha eleitoral de Aimé Césaire para prefeito da capital martinica, como candidato do Partido Comunista Francês (PCF). É notável como a contribuição de Césaire, educador, poeta e ensaísta político, entre outros pensadores e pensadoras daquela geração da *nègritude* antilhana (Nascimento, 2016, 2019; Nolasco; Silva-Reis, 2020), influenciou Fanon, como na “utilização da estética poética como caminho privilegiado para a autorreflexão filosófica” (Faustino, 2018, p. 39); e no compartilhamento de pressupostos políticos em comum, como a relação intrínseca entre colonização e racismo e a tese do *efeito ricochete*: a desumanização do colonizador ao desumanizar o colonizado (Césaire, 1978). Por sua vez, as críticas construtivas de Frantz Fanon à esquerda marxista francesa e ao movimento africano e diaspórico da *nègritude* podem ter reverberado no reposicionamento das ideias e posição política de Césaire nestes debates e na sua própria postura crítica à *nègritude* e ao PCF<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> As posições intelectuais e políticas de Aimé Césaire são expressas ao publicar a versão estendida do *Discurso sobre o colonialismo* (1955), cuja análise das relações raciais se distancia do discurso essencialista e conciliatório de *nègritude* do poeta e político senegalês Léopold Senghor, entre outros; e logo depois ao renunciar sua filiação ao Partido Comunista Francês, manifestando as razões da renúncia em sua *Carta à Maurice Thorez* (1956), Secretário-Geral do Partido (Césaire, 1978, 2008).

Para Fanon, havia elementos alienantes tanto na perspectiva eurocêntrica de marxistas, ao desconsiderar a particularidade colonial-racial dos países conquistados, quanto na culturalista de intelectuais da *nègritude* (Faustino, 2019). Na mencionada palestra de Fanon (1980, p. 35) sobre *Racismo e cultura*, por ocasião do 1º Congresso dos Escritores e Artistas Negros de 1955, ele explica a “ação recíproca” entre racismo e cultura, esta entendida em sentido amplo como “conjunto dos comportamentos motores e mentais nascido do encontro do homem com a natureza e com o seu semelhante”. A partir desta perspectiva, problematiza a atitude de intelectuais e artistas negros que faziam um trabalho restrito ao campo artístico ou intelectual como enfrentamento ao racismo, sem conexão com a luta de libertação do povo, separando o campo cultural do político-econômico, sendo que, “na maioria das vezes, a opressão militar e econômica precede, possibilita e legitima o racismo” (*Ibidem*, p.42). Logo, mesmo quando se trata do aspecto psicológico do problema, se deve saber que “somente haverá desalienação genuína na medida em que as coisas, no sentido mais materialista possível, tiverem voltado ao seu lugar” (*Idem*, 2020, p. 26).

Alienados, haviam artistas e intelectuais da *nègritude* que apenas reforçavam essencialismos racistas, como representado pela ideia de que “a emoção é negra como a razão é grega” (*Ibidem*, p. 116), se perdendo apaixonadamente em uma “sobrevalorização [da cultura africana] que se assemelha psicologicamente ao desejo de se fazer perdoar”, ao invés de repensar dinamicamente os elementos culturais em seu contexto contemporâneo (*Idem*, 1980, p. 45). No caso martinicano, de todo modo, é digno de nota que seria a experiência de um racismo totalitário combinada com a do ativismo estético-político que, tensionando as contradições da consciência antilhana, escancara sua condição alienada e desencadeia um movimento renovado de desalienação cultural da ilha. Afinal de contas, para os franceses (metropolitanos), tanto os antilhanos do Ultramar, quanto os pretos da África, eram inferiores aos europeus. No ano seguinte à campanha de Césaire, Fanon se prepara para voltar à França.

### **Um estrangeiro de pele negra no mundo europeu**

Frantz Fanon desperta cedo sua intelectualidade livresca quando o jovem da classe média martinicana começa a visitar a Biblioteca de Fort-de-France. Com sua familiaridade com os clássicos iluministas, seu domínio da língua e literatura francesas e o reconhecimento pelos seus serviços prestados no exército dos Aliados, retornou à metrópole para cursar o ensino superior como um militar condecorado:

Na guerra, depois de presenciar os tratamentos mais desumanos nas colônias francesas na África do Norte, mas também depois de conhecer a miséria de uma França devastada pela guerra, Fanon é ferido em combate e, na sequência, é promovido pelo mesmo general que, mais tarde, teria de enfrentar ao lado das forças de libertação da Argélia (Faustino, 2018, p. 31).

A condecoração por bravura trazia um status de “cidadania francesa” diferenciado que facilitou seu ingresso na universidade em 1946. Enquanto completa sua formação médico-psiquiátrica, ele se envolve com os debates políticos e filosóficos da época, com europeus e imigrantes negros que se encontravam na Europa, principalmente em torno das discussões entre marxistas e existencialistas, da releitura de Hegel, da descolonização dos países asiáticos e africanos, do movimento estudantil e operário, do pan-africanismo e da *nègritude*.

Ao fim deste percurso, o psiquiatra antilhano termina um texto que apresenta como sua Tese de Exercício em Psiquiatria com o título de “Ensaio sobre a desalienação do negro”, mas o ensaio foi rejeitado como trabalho de qualificação profissional. Ao apresentar outro texto, escreve sobre *Um caso de doença de Friedreich com delírios de possessão* (1951). Este estudo demonstra um caso cujo prognóstico deveria levar em conta a conexão entre as causas neurológicas da doença, tratáveis a partir de fatores biológicos, e as causas psiquiátricas, que exigem a percepção da relação entre a psique humana e o meio social, psicologia e cultura. Além de demonstrar “uma prova empírica” da relação entre o neurológico e o psiquiátrico, a sua tese corrobora também para “uma crítica da ideia de que construções patológicas atribuídas a uma ‘raça’ possam ter outras fontes além da história” (Khalifa, 2020, p. 29).

Recém graduado, Fanon deseja publicar o Ensaio rejeitado, adotando um título mais atrativo para o mercado editorial. Então, intitula seu “Essai sur la désaliénation du Noir” de *Pele negra, máscaras brancas*, o publicando em 1952. Seu livro recebe pouca atenção nesse momento (Faustino, 2018, p. 55). Enquanto isso, ele faz residência médica no Hospital Psiquiátrico de Saint-Alban, acompanhado pelo psiquiatra François Tosquelles, um marxista nascido na Catalunha “com quem trabalhou dois anos pesquisando e escrevendo trabalhos científicos” (ibidem, p. 63). A “*síndrome norte-africana*”, publicado por Fanon na revista *Esprit* (fevereiro, 1952), e os seus textos para o *Trait D’Union* (dezembro, 1952-janeiro, 1953), jornal interno do Hospital, são exemplos de escritos menores que refletem a construção do pensamento filosófico e psicopolítico fanoniano, nos quais articula filogenia, ontogenia e sociogenia ao analisar os problemas encontrados no trabalho do hospital.

Nestes editoriais do jornal, a articulação de referências do campo médico, como necessidades humanas fisiológicas, estados emocionais, reações corporais – que também permanece uma

constante em sua obra<sup>5</sup> – se unem às reflexões de tom poético e filosófico sobre temas como fadiga e sinceridade, a relação consigo, com o tempo e o mundo, o aperfeiçoamento técnico via humanização da relação enfermeira-paciente e o papel terapêutico do engajamento da paciente em seu tratamento (Fanon, 2020b, pp. 261-267). Assim, critica a falta de assistência humanizada por parte dos agentes de saúde profissionalmente responsáveis pelas pacientes, observando que “a funcionária nunca enxerga a paciente a ser cuidada e curada” (*Ibidem*, p. 267). Ao mesmo tempo, discutia o papel ativo do sujeito no processo de recuperação da sua própria saúde, ao invés dele se abandonar e não fazer “nenhum esforço para melhorar, para compreender seus problemas, para lutar contra a doença que o acomete” (*Ibidem*, p. 265).

Em *Pele negra*, Fanon aborda a “alienação psíquica do negro” fundada na compreensão de que a estrutura racializada das colônias introjeta o racismo na consciência do povo colonizado, gerando nele um *complexo de inferioridade* (*Idem*, 2020, pp. 25; 63). Para ser introjetado, o racismo antes foi produzido pelas elites brancas europeias, depois reproduzido diversa e coletivamente pelas elites locais (políticas, intelectuais, religiosas, artísticas, comerciais) e só então pelo conjunto da sociedade colonizada. O *complexo de inferioridade*, uma vez instaurado, produz a crença coletiva na inferioridade (estética, cultural, artística, moral e intelectual) do Negro e simultaneamente na superioridade do Branco. Ao integrar suas conclusões psicanalíticas sobre o paciente negro no “contexto do mundo”, Fanon descobre que:

Se ele se encontra a tal ponto imerso no desejo de ser branco, é porque vive em uma sociedade que torna possível seu complexo de inferioridade, uma sociedade que extrai sua consistência da preservação desse complexo, uma sociedade que afirma a superioridade de uma raça (*Ibidem*, p. 114).

O funcionamento da sociedade colonial depende do complexo de inferioridade que aprisiona as pessoas negras na passividade frente à colonização. Porém, em dado momento, diante do dilema que o faz escolher entre “branquear-se ou desaparecer”, conforme discute Fanon, “o negro tenta protestar contra a inferioridade que historicamente sente” (*Ibidem*, pp. 114; 224). Para isso, precisaria não apenas se conscientizar (tomada de consciência), mas ir além destas alternativas impostas (tomada de decisão) e assumir uma luta radical por sua liberdade, contra o sistema opressor, subjetiva e objetivamente (tomada de ação).

Nesse sentido, Fanon havia introduzido, em *Pele negra*, a ideia de que a solução estaria justamente “nas mãos daqueles que anseiam abalar as carcomidas fundações do edifício” (*Ibidem*, p. 25). Após prestar concurso para dirigir um hospital africano, sua aprovação o levou ao cargo de

---

<sup>5</sup> Em várias passagens do seu último livro, é perceptível a maneira como o psiquiatra usa termos médicos utilizados para diagnosticar adoecimentos do corpo para se referir à dominação da sociedade.

médico-chefe do Hospital Psiquiátrico de Blidá-Joinville em 1953, na Argélia. Como seria de se esperar, ele não buscava uma África mítica ou idealizada, como faziam alguns intelectuais e artistas devotos de uma identidade racial essencializada, mas sim um lugar terceiro-mundista com condições materiais para que ele seguisse o projeto de construção de um novo mundo, ao se engajar em um processo coletivo de transformação local (Faustino, 2018).

### **Um estrangeiro de classe média no mundo africano**

Compreendendo o seu pensamento junto com o seu trabalho psiquiátrico, se compreende mais precisamente as suas posições práticas e teóricas naquilo que ficou conhecido como sua obra política. Não há uma divisão absoluta entre duas dimensões, a da medicina psiquiátrica, de um lado, científica e experimental, antimanicomial, e a da militância política, por outro, ativista e ensaística, antirracista e anticolonial. Os conceitos de *alienação* e *engajamento* constituem alicerces da sua obra como um todo.

Na colônia argelina, o trabalho de Fanon se desdobra agora não só para refletir a situação do preto moderno no mundo branco, como também dos negros e árabes na colônia, lutando pela sua desalienação através da libertação nacional<sup>6</sup>. Ali, ele deveria estar consciente da sua condição diferenciada como intelectual negro de classe média, um doutor formado pela metrópole colonizadora que experiencia de outras maneiras a alienação, pois, em suas próprias palavras:

O esforço de desalienação do médico de origem guadalupense pode ser entendido a partir de motivações essencialmente distintas daquelas do negro que trabalha na construção do porto de Abidjan. Para o primeiro, a alienação é de natureza quase intelectual. É na medida em que concebe a cultura europeia como um meio de se despojar da sua raça que ele se faz passar por alienado. Para o segundo, é como vítima de um regime baseado na exploração de uma determinada raça por outra, no desprezo de uma certa humanidade por uma forma de civilização considerada superior (*Ibidem*, p. 235).

No início, socialmente vivia na cidade argelina de Blidá em uma situação similar àquela vivenciada nas cidades francesas de Paris, Lyon, Saint-Alban ou Pontorson, onde também trabalhou alguns meses como médico-chefe de um hospital psiquiátrico (Faustino, 2018). Isto é, um estrangeiro, antilhano e francófono de formação cristã, vivendo em um país, neste caso, majoritariamente árabe e muçulmano. Não obstante, com a eclosão da Revolução da Argélia ou

---

<sup>6</sup> Frantz Fanon e o intelectual brasileiro Alberto Guerreiro Ramos, por exemplo, teriam compartilhado em comum e na mesma época esse processo de acoplar cada vez mais o problema do racismo ao problema da nação e da colonização: “Comparados a quando se dedicaram mais ao debate racial, no início dos anos 1950, realizaram um relativo deslocamento em suas teorias e práticas políticas; embora sem realizarem uma ruptura absoluta, mas como uma forma de continuidade daquela luta em um enfoque anticolonial. Essa mudança de engajamento correspondeu, entre outras coisas, com o processo da Revolução Cubana (1953-1959) e as Conferências afro-asiáticas de países não-alinhados (Bandung-1955, Cairo-1957, Acra-1958)” (Silva, 2023, p. 153).

Guerra Franco-Argelina em 1954, sua escolha foi colocar sua formação universitária e experiências militares e psiquiátricas a serviço da guerra de libertação.

Ao se engajar na recém formada Frente de Libertação Nacional da Argélia (FLN), Fanon primeiro mantém o posto de trabalho no Hospital de Blidá, enquanto contribui clandestinamente para a revolução. “No trabalho clandestino”, diz Zahar (1976, p. 11):

Encontra-se numa situação favorável: abriga e esconde elementos da F.L.N., forma enfermeiros para o “maquis”<sup>7</sup>, possibilita locais para encontros secretos, retransmite informações, passa armas e outro material. É altamente competente na formação de comandos e ensina aos “moudjahidines” a protegerem-se das bombas e a dominar as suas reações no momento dos atentados, ou de que modo certos reflexos psíquicos ou físicos permitem resistir melhor à tortura.

Até ser necessário se exilar na Tunísia por segurança, diante do acirramento da Guerra e da perseguição do regime francês, parece que “as autoridades coloniais nunca entenderam a real extensão da FLN dentro do hospital, o que pode tê-lo poupado temporariamente” (Faustino, 2018, p. 92). Nesse processo, sua trajetória e agora o intenso convívio com a realidade africana, a vida oprimida dos trabalhadores da colônia, dos bairros bombardeados, das pessoas torturadas, das genitálias eletrificadas, dos corpos fuzilados, dos favelados, analfabetos, desempregados, desabrigados, das mulheres subjugadas, crianças esfomeadas, dos camponeses escravizados, dos árabes reprimidos, dos berberes<sup>8</sup> violentados, ele requalifica sua percepção do colonialismo como regime de exploração na África.

Explicando a tirania sofrida pelos *Condenados da Terra*, Fanon expõe um esquema “aristotélico” da relação que a metrópole projeta para a colônia, entre o colono e o colonizado, obedecendo “ao princípio da exclusão recíproca” (*Idem*, 1968, p. 29). Ele identifica uma polarização dicotômica como fundamento da lógica de funcionamento do projeto colonial, perceptível a partir da separação geopolítica entre a zona dos colonos e a zona dos colonizados, que opõem brancos nas regiões privilegiadas da colônia e negros e árabes nas regiões marginalizadas; que corresponde a uma estrutura ideológica de separação estético-moral, entre um povo branco, Bom e Belo de um lado e um povo preto, Mal e Feio de outro.

Assim, a separação socioeconômica racializada entre bairros limpos, abastecidos e protegidos, de um lado, e regiões exploradas, sucateadas e violentadas, de outro, corresponderia a uma separação moral entre os bons cidadãos dos bairros franceses e as pessoas de má fama das

---

<sup>7</sup> Aqui, a palavra *maquis*, de origem francesa, se refere aos locais de concentração dos grupos guerrilheiros de resistência à colonização francesa, normalmente em regiões florestais e montanhosas, enquanto *moudjahidines*, de origem árabe, é como foram chamados os guerrilheiros argelinos.

<sup>8</sup> Povos do Norte da África falantes das línguas afro-asiáticas berberes, um grupo linguístico com aproximadamente vinte e seis línguas e trezentos dialetos.

periferias, provas vivas da sua própria inferioridade (*Ibidem*). Com efeito, na Argélia como em outras regiões colonizadas, a política do colonialismo gera, nos povos indígenas, seu complexo de inferioridade em termos de origem racial, cultural e territorial, e, nos brancos alienígenas, um *complexo de autoridade* (Fanon, 2020, p. 113). Não se trata apenas, portanto, de um complexo de superioridade: a consciência branca é adoecida por um complexo de *autoridade* porque a sua alienação se fundamentaria também em um comportamento neurótico obsessivo com a brancura e o padrão cultural branco como normas de reforço da sua pretensa superioridade. Desse modo, os efeitos sociais do complexo do Branco são impostos e sobrepostos ativamente, a si mesmo e ao *Outro* (Carneiro, 2023). Conforme observa Fanon, o opressor se interessa especificamente pela consciência oprimida, fazendo:

Todos os esforços para levar o colonizado a confessar a inferioridade de sua cultura transformada em condutas instintivas, a reconhecer a irrealidade de sua nação e, finalmente, o caráter inorganizado e inacabado de sua própria estrutura biológica (*Ibidem*, p. 198).

Já no meio do povo colonizado, se encontrariam, de um lado, as massas colonizadas e suas tradições estereotipadas e, de outro, os intelectuais colonizados e sua “aquisição furiosa da cultura do ocupante” – as duas tentativas, conclui Fanon, geram “contradições insuportáveis” (*Ibidem*). Contra tal regime de opressão, o papel do intelectual é se envolver com os movimentos de descolonização e assim realizarem a superação radical da alienação psicológica, política, econômica e cultural do povo colonizado, isto é, fazer a revolução nacional e social de cada território dominado<sup>9</sup>.

Naquele contexto, seus escritos deveriam projetar as ideias que representam tanto a atmosfera injusta de violência que impregna a colônia, quanto as linhas de ação defendidas pelas vertentes mais radicais dos movimentos de libertação nacional do Terceiro Mundo, como parte da estratégia para alcançar os seus objetivos resolutamente estabelecidos: a libertação total do território. Para os militantes anticoloniais da Argélia:

O povo argelino pensa suas relações com a França em termos de oposição irreduzível entre seus interesses e os da presença colonial. Não se trata, para ele, de esperar que o colonialismo se reformule, que se mostre menos cúvido e menos feroz, que afrouxe sua opressão. *O sistema é condenado em bloco, e sua queda só pode se consumir realmente pelo advento da independência* (Fanon, 2021a, p. 42, grifo nosso).

## **O intelectual e o povo engajados na revolução**

---

<sup>9</sup> Conforme Fanon (2020, p. 37) argumentava, “se a tarefa do intelectual colonizado é historicamente limitada, deve, apesar disso, contribuir em grande parte para sustentar, para legitimar a ação dos homens políticos”.

Se *Pele negra, máscaras brancas* foi o grande ensaio de Frantz Fanon sobre a desalienação do negro, *Os condenados da Terra* poderia ser considerado como o seu grande ensaio sobre a descolonização do Terceiro Mundo. Entre um e outro, não obstante, Fanon publica vários trabalhos na área da psiquiatria, reunidos em *Alienação e liberdade*, publica seu segundo livro, *L'An V de la révolution algérienne* (1959), ainda não traduzido no Brasil, e escreve diversos textos de intervenção política entre 1955 e 1961, principalmente para *El Moudjahid*, o jornal da FLN, que se encontram nas coletâneas póstumas: *Por uma revolução africana* (1965) e *Escritos políticos* (2015)<sup>10</sup>.

Durante toda esta produção teórica, se encontra a sua defesa da necessidade: de um *engajamento moral* diante dos problema do mundo, manifesto no senso de urgência e no reflexo prático da apreensão da responsabilidade humana projetada pela própria existência em sociedade; e de um *engajamento político-cultural* em busca de soluções, na luta política, coletiva e organizada propriamente dita, e suas dimensões estéticas e culturais em geral.

O engajamento nos movimentos pela independência transformou os argelinos em vários aspectos. Em *O ano V da revolução argelina*, Fanon investiu seus estudos nesses fenômenos de transformações socioculturais na Argélia desencadeados pela sua revolução nacional. Neste livro, reservou um capítulo inteiramente dedicado à relação entre *Medicina e colonialismo*, mostrando que o colonizado manifesta uma atitude ambivalente em relação à presença da ciência médica ocidental na colônia, “introduzida na Argélia ao mesmo tempo que o racismo e a humilhação” (Fanon, 2011, p. 356, tradução nossa). Essa ambivalência consiste na relação conflituosa entre a relativa dependência do colonizado, em relação ao sistema público de saúde oficial implementado pelo governo colonizador, e sua desconfiança em relação à equipe médica contratada. Com efeito, a recusa em buscar atendimento hospitalar, aceitar as recomendações médicas ou adotá-las corretamente se tornou uma das principais causas das mortes. O que explicaria este fenômeno é que o colonizado:

Percebe a vida não como um florescimento ou desenvolvimento de uma fertilidade essencial, mas como uma luta permanente contra uma morte atmosférica. *Esta morte à sua frente* é materializada pela fome endêmica, pelo desemprego, pela morbidade significativa, pelo complexo de inferioridade e pela falta de portas para o futuro. Todos esses enfraquecimentos ativos, todos esses cortes na existência do colonizado dão à vida uma aparência de morte incompleta. O comportamento de recusa ou rejeição da intervenção médica não é uma recusa à vida, mas uma maior passividade diante dessa morte iminente e contagiosa (*Ibidem*, p. 361, tradução nossa<sup>11</sup>).

<sup>10</sup> Nos seus escritos políticos, nós encontramos “uma ponte fundamental entre *Pele negra* e *Os condenados*, que evidencia a continuidade de preocupações que já haviam sido esboçadas no primeiro livro, mas não encontraram possibilidade de solução na realidade concreta” (Faustino, 2021, p. 13).

<sup>11</sup> No original: *cette mort à bout touchant* (itálico do autor) – esta morte “à queima-roupa”, muito próxima, a morte “à beira/a ponto de se tocar/de ser tocada”, “logo à frente”.

Assim, concorrem concepções distintas de vida e morte. A ideia e sensação de uma morte iminente, causadas pela estrutura institucional deficitária e pela falta de atendimento humanizado por parte dos profissionais da área da saúde e suas condutas colonialistas e racistas (inclusive a colaboração de médicos e psiquiatras em sessões militares de interrogatório via tortura), criaram um profundo afastamento do colonizado em relação à medicina ocidental. Imposta na colônia violentamente, muitos interpretavam a ciência médica do estrangeiro negativa e exageradamente e rejeitavam até mesmo a assistência disponível necessária para sua sobrevivência.

Ao longo da revolução, porém, tanto os colonizados aprendem a diferenciar a opressão colonial da possível contribuição benéfica do uso de tecnologias ocidentais, quanto os profissionais da saúde, médicos, enfermeiros, psiquiatras e farmacêuticos, inclusive argelinos e imigrantes afrodescendentes, aprendem a respeitar a humanidade dos colonizados e apoiar sem reservas a luta de libertação. Conforme relata Fanon:

Esses remédios usados quase mecanicamente antes da luta de libertação se transformam em armas. E as células urbanas responsáveis pelo abastecimento de medicamentos são tão importantes quanto aquelas com a missão de obter informações sobre os projetos ou movimentos do adversário. Assim como o comerciante argelino descobre maneiras de abastecer o povo com postos de rádio, assim também o farmacêutico argelino, o enfermeiro argelino, o médico argelino, multiplicam seus esforços para que os antibióticos e os grampos estejam sempre ao alcance do ferido (*Ibidem*, p. 373, tradução nossa).

A venda de produtos diversos na colônia para os autóctones, remédios e utensílios afins, assim como as visitas do médico contratado pelo regime colonial às comunidades locais, foram interrompidas pelo governo colonizador durante aquela sua guerra de reconquista. Logo, um sistema de saúde pública alternativo organizado pela FLN se tornou um dos dispositivos políticos mais importantes da revolução argelina.

Não obstante, diante do problema da alienação na realidade de uma colônia africana, Fanon percebe que a desalienação não se cumpriria apenas com o tratamento clínico em hospitais psiquiátricos, mas com a transformação radical da sociedade submetida a um regime de opressão que mata ou adoce o colonizado até a morte. Através da sua *Carta ao Ministro Residente* (1956), uma carta pública ao Governador-Geral da Argélia, o Doutor Fanon se demite do Hospital de Blidá, argumentando que a desumanização produzida pela condição colonial daquele país impedia a eficácia do seu trabalho em saúde mental:

Se a psiquiatria é a técnica médica que se propõe permitir ao homem<sup>12</sup> deixar de ser estranho ao que o rodeia, devo afirmar que o Árabe, alienado permanente no seu país, vive num estado de despersonalização absoluta. O estatuto da Argélia? Uma desumanização sistematizada (Fanon, 1980, p. 58).

---

<sup>12</sup> A problemática sobre o uso masculinista do termo “homem” para se referir a “humano” pode ser rastreada por mapeamento bibliográfico pertinente (Faustino, 2020, 2022).

Assim, admite que eficácia do trabalho na instituição está diretamente conectado à desumanização sistemática que aliena o povo colonizado. Por ocasião daquele Congresso de escritores e artistas negros, ocorrido anteriormente no mesmo ano, ele aprofunda sua análise sobre o colonialismo como uma complexa estrutura. Com a desvalorização ou “destruição dos valores culturais” dos colonizados, o colonialismo remove as referências nas quais formavam sua personalidade (*Ibidem*, p. 37). Antes sujeitas a um movimento histórico dinâmico, as referências tradicionais do povo são consideradas inferiores e passam a se tornar fatores de rebaixamento social para os colonizados. Com efeito, por causa da culpa e da inferiorização, o colonizado, sobretudo das “elites”, primeiramente tenta escapar dessa inferiorização, aderindo aos modelos culturais do colonizador e condenando a sua própria cultura de origem (*Ibidem*, p. 43).

Porém, numa segunda fase desse processo, o inferiorizado, “descobrendo a inutilidade da sua alienação”, decide reencontrar “as suas posições originais” e assim “retoma apaixonadamente essa cultura abandonada, rejeitada, desprezada” (*Ibidem*, p. 45). Contra essa nova forma de alienação, Fanon aponta que esse processo não revive aquela cultura desvalorizada, mas inventa “uma cultura da cultura”, fazendo com que a cultura do povo perca sua circulação natural de vida e se torne “esclerosada, agonizante”, “capsulada, vegetativa”, folclorizada (*Ibidem*, p. 46).

Apenas por fim, num terceiro momento, observa que, “ao sair destes esponsais apaixonados, o autóctone terá decidido, com ‘conhecimento de causa’, lutar contra todas as formas de exploração e de alienação”, a verdadeira origem das suas angústias, e assim reconhece que “o fim lógico desta vontade de luta é a libertação total do território nacional” (*Ibidem*, p. 47). E ao se engajarem nessa luta, os intelectuais, artistas e segmentos populares da colônia aprendem “o projeto do colono” de desumanização sistemática e, dessa forma, descobrem como lutar pela construção de um novo projeto de humanidade (*Idem*, 1968, pp. 31-32).

Fanon narra que a partir daí, “quando ouve um discurso sobre a cultura ocidental, o colonizado saca da faca de mato ou pelo menos se certifica de que a tem ao alcance da mão”, pois tem em mente “a violência com que se afirmou a supremacia dos valores brancos” (*Ibidem*, p. 32). Logo, ele não seria mais aquele alienado, inferiorizado, que idolatra o opressor e sua cultura, mas sim o que se transformou e foi transformado na e pela revolução, se desalienando através da participação na luta de libertação nacional. Esse é o espírito do texto nos seus artigos para o *El Moudjahid*, onde o povo argelino é o principal sujeito político do processo revolucionário. Mesmo espírito que anima *Os condenados da Terra*.

Ao se desalienar através do engajamento em uma guerra de libertação (*Ibidem*, 2011, 1980, 2021, 2021a), o movimento argelino adota a tarefa de desalienar as forças estrangeiras, para que

apoieiem a independência argelina, tanto as populações europeias, em especial a francesa e seu suposto espírito republicano, quanto as populações africanas, em especial outros movimentos de libertação nacional e suas solidariedades oscilantes<sup>13</sup>. Enquanto trabalha como médico psiquiatra em hospitais tunisianos durante seu exílio, Fanon acompanha os debates internacionais e do continente, dialogando com diversos movimentos de libertação e suas lideranças anticoloniais, na qualidade de embaixador oficial da FLN.

Na época, estava em disputa o debate da ideia de uma “União Francesa” ou “Comunidade Franco-Africana” que supostamente englobaria as colônias dominadas como partes legítimas e amparadas por uma comunidade única em comum. Nesse debate, se defendia – de forma mais e menos explícitas – diferentes tipos de *reforma colonial*, de um lado, seja pela institucionalização de novos arranjos do regime vigente, seja pela sua permanência camuflada e adaptada em um regime neocolonial; e, de outro, a *revolução nacional*, abolindo totalmente o regime colonial, continuada esta por uma *revolução social*, que impediria o estabelecimento do neocolonialismo e organizaria a redistribuição fundamental de todos os recursos de uma nova nação, livre e soberana.

### **O convencimento da comunidade europeia**

Para Fanon e demais militantes argelinos, as nações colonizadoras deveriam abolir de vez suas políticas de dominação e aceitar o direito de autonomia dos povos subjogados. Em *Independência nacional, a única solução possível* (setembro, 1957) e outros artigos, Fanon (2021a, p. 43) critica principalmente os franceses, porque:

A opinião pública francesa não consegue esconder seu espanto ao ver um país como a Argélia, considerado uma “província francesa”, alcançar num movimento único uma existência nacional objetivada num Estado independente. [...] recusa-se a tomar consciência lúcida da mudança que está ocorrendo na Argélia. [...] Não compreende que o povo argelino não pode aceitar a necessidade das transições que o conduziriam gradualmente à autonomia.

Nesse miolo, o racismo estava na raiz tanto da recusa da independência argelina por parte dos franceses quanto do aumento da violência empregada contra o povo argelino que reivindicava sua liberdade e igualdade:

Porque a França não reconhece no argelino o *status* de ser humano, porque sempre o tratou como uma raça inferior, porque ensinou em suas escolas essa concepção odiosamente racista, os soldados franceses, o governo francês pretendem, sem nenhum peso na consciência, sacrificar as leis da guerra e utilizar

---

<sup>13</sup> No interior da plataforma política do Terceiro Mundo, não era unânime a concordância ou apoio das diferentes lideranças e organizações políticas em vários temas, a respeito da orientação política, econômica, cultural, religiosa, militar de cada nação em desenvolvimento ou em luta por independência e das regiões como um todo, havendo diferentes posições em disputa (Prashad, 2007, ver Fanon, 2021, pp. 139-142).

livremente os métodos mais vis e mais degradantes contra o povo argelino. No entanto, a França precisa saber de uma vez por todas que a vida de um argelino é tão preciosa quanto a de um francês (*Ibidem*, p. 82).

No caso de elites políticas, como aparece em *A lógica do ultracolonialismo* (maio, 1958) e *O testamento de um “homem de esquerda”* (abril, 1958), ele critica tanto os imperialistas e agentes do fascismo na Europa e do ultracolonialismo na África, quanto aqueles que se consideram de “esquerda” e “antifascistas”, mas que “se julgam no direito de dirigir outros povos, dar lições de democracia, ainda que seja a poder de bombas” (*Ibidem*, pp. 84-85). “Um dos primeiros deveres” da intelectualidade e dos movimentos sociais democráticos dos países colonialistas, diz Fanon (1980, p. 85), deveria ser “apoiar sem reservas a reivindicação nacional dos povos colonizados” – e apoiar com mais do que “alguns *meetings* anuais” e “votação de moções”.

Os intelectuais e as esquerdas democráticas europeias deveriam se posicionar, apoiando incondicionalmente a independência das colônias, e desalienar o conjunto da sua própria população, explicando para “o povo real, os camponeses e os operários”, sobre o direito de soberania de todos os povos (*Ibidem*). No caso da Legião Estrangeira de mercenários, “orgulho do Exército francês”, os argelinos causavam o “enfraquecimento moral” dessas tropas através da reversão ou desmistificação da sua “lavagem cerebral” (*Idem*, 2021a, pp. 31-32, 37). Traziam assim a libertação dos legionários diante da opressão que sofrem no exército e na guerra com o autoritarismo e suas violências, aumentando cada vez mais os casos de deserções dos soldados antes inimigos alienados e agora ingressantes no movimento pró-independência, como combates aliados ao Exército de Libertação Nacional argelino, setor armado da FLN.

Os argelinos também reivindicavam a solidariedade entre as regiões dominadas no Terceiro Mundo e os trabalhadores oprimidos na Europa, considerando o “reforço dialético que existe entre o movimento de libertação dos povos colonizados e a luta emancipadora das classes operárias exploradas dos países imperialistas” (*Idem*, 1980, p. 137). Ao enfrentar e enfraquecer inimigos em comum, grandes articuladores da política mundial, haveria um vínculo intrínseco entre a vitória da Argélia e a libertação geral da humanidade, em especial das classes trabalhadoras. Mesmo que por interesses próprios, outros governos europeus também passaram a demonstrar hostilidades contra a França, pressionando o governo francês pelo fim da guerra franco-argelina, conflito extremamente custoso em termos financeiros, sociais e morais (*Ibidem*, p. 130).

### **A disputa pela solidariedade dos movimentos africanos**

Por sua vez, a contribuição efetiva por parte de outros movimentos africanos foi um dos temas centrais dos escritos políticos de Fanon e dos militantes da Frente de libertação, como no artigo sobre *O conflito argelino e o anticolonialismo africano* (novembro, 1957). Ao apoiar a luta argelina e conceder sua “simpatia ativa”, as antigas colônias recém libertas, por exemplo, cumpririam um “triplo dever”: o reconhecimento da FLN como “a única organização capaz de mobilizar a Argélia”; o aceleração da “liquidação do colonialismo em escala mundial”; e a “consolidação de sua recente independência” (*Idem*, 2021a, pp. 55-56).

Como Fanon discute na *Carta à juventude africana* (maio, 1958), a libertação absoluta de um povo depende da libertação de todos os povos. No caso dos povos colonizados, politicamente considerados como “irmãos”, surgia um reconhecimento não só pela alienação que sofriam em comum, mas pela reação em lutar pela liberdade, “em cada uma das revoluções desencadeadas e levadas a cabo pelos oprimidos” (*Idem*, 1980, p. 137). Assim, argumenta que, “se as partes do Mundo em que se realizou já a existência nacional marcam passo sem superar as suas contradições, é porque precisamente toda a nova marcha para o progresso implica a libertação das colônias” como um todo (*Ibidem*, p. 138). Logo, os argelinos assumiram que era necessária a união dos povos colonizados “aos povos já soberanos para que seja válida a edificação de um humanismo com as dimensões do universo” (*Ibidem*).

Essa disputa pela solidariedade de outros movimentos africanos era dificultada pelas ações divisionistas do governo francês. Por isso, escrevia Fanon (2021a, p. 57), “o maior erro, aliás, seria apostar numa pretensa solidariedade instintiva e espontânea”, porque “o colonialismo, no que tem de mais perverso e mais condenável, consegue jogar uns contra os outros homens que têm tudo para ser solidários”. Inclusive, é parte da “habilidade tática do colonialismo” que, “a cada nova guerra nacional, e para evitar seu alastramento, os colonialistas afrouxam um pouco mais a opressão nos outros territórios” momentaneamente, também como estratégia de alienação e dominação global (*Ibidem*, pp. 56-57).

Mas os colonizados não se deveriam deixar enganar. Graças às ações de desalienação da FLN, “cada vez mais em número maior os soldados da África Negra recusam-se a lutar contra seus irmãos argelinos”, além do apoio do Magrebe, sobretudo egípcios e tunisianos (*Ibidem*). Para o exército de libertação, é importante notar, as traições não são consideradas como problema de alienação, a ser sanado com conscientização. Exemplos de elites africanas condenadas por traição, julgadas como colaboradoras dos governos coloniais, são Messali Hadj, liderança argelina residente na França, Ali Chekkal, advogado e político argelino, e Houphouët-Boigny, médico e político

costa-marfinense, este último considerado como “o espantinho do colonialismo francês” segundo Fanon (*Idem*, 1980, p. 66, 141; 2021a, p. 59).

Como foi declarado no *El Moudjahid*, “a consciência nacional não tolera essas traições exploradas, divulgadas em jornais, exibidas à opinião pública mundial” (*Idem*, 2021a, p. 59). O *Apelo aos Africanos* (setembro, 1958) feito pela FLN à África subsaariana e suas lideranças é de que não participem da política formal do colonizador como se não houvesse povos se rebelando contra esses laços que foram estabelecidos pela força, não democraticamente. Tal participação “aliena a personalidade africana” e reforça a falsa ideia de “uma mesma nação com problemas comuns” e “nacionalidade única”, comprometendo ainda mais os africanos com a colonização francesa (*Idem*, 1980, p. 160).

Ao mesmo tempo, muitos países já estavam apoiando a revolução argelina. Os artigos do jornal da FLN celebram o “imenso entusiasmo provocado nos países afro-asiáticos pela epopeia que o povo argelino está a viver” (*Ibidem*, p. 132). Em *Unidade e solidariedade efetiva são as condições da libertação africana* (janeiro, 1960), Fanon contesta a tese de que as contradições internas do colonialismo o levariam inevitavelmente à sua supressão no continente africano. O otimismo dos nacionalistas não se devia ao “espetáculo de forças da natureza tornadas finalmente benéficas aos Africanos”, tampouco “à verificação, no antigo opressor, de disposições menos inumanas e mais benevolentes”, mas ao “produto direto da ação revolucionária”, pois a libertação exige “que se atire ao trabalho” (*Ibidem*, pp. 206-207).

Portanto, da perspectiva anticolonial da qual Fanon fez parte, os africanos tinham o dever precisamente definido de lutar contra o colonialismo em seu território e apoiar diretamente as lutas de outros povos colonizados. Para ele:

Cada africano deve saber-se engajado na luta de libertação do continente e deve, de maneira muito concreta, ser capaz de responder fisicamente ao apelo deste ou daquele território. Cada partido africano deve desenvolver a consciência africana de seu povo. [...] Toda propaganda, toda palavra de ordem, todo apelo às massas deve conter com destaque uma referência à luta de libertação da África. Não é possível um argelino ser verdadeiramente argelino se não sente no mais profundo de si mesmo o drama inominável que acontece na Rodésia ou em Angola. [...] Cada africano é um soldado anticolonialista, e bem sabemos que, em determinadas circunstâncias, não temos a escolha das armas (*Ibidem*, 2021a, pp. 119-120).

Nesse processo, tanto o trabalho especificamente clínico, psicológico ou educativo de desalienação ou conscientização do colonizado quanto o trabalho de mobilização política do povo precisam ser assumidos pelos movimentos anticoloniais.

Aqui, enfim, apresentei como o problema da alienação e a tarefa de desalienação foi assumida por Fanon e pela frente de libertação da Argélia. Conforme aparece em seus textos, a

desalienação depende do engajamento e encorajamento dirigido aos negros das terras africanas e da diáspora, aos colonizados de todo o mundo, bem como aos europeus, em apelo à união das lutas de libertação globais. Tais temas da obra fanoniana estão vinculados às questões da distribuição desigual dos recursos entre metrópole e colônia e no interior da colônia; da desproporcional violência empregada pelo governo opressor para manutenção do sistema colonial; da defesa da determinação do povo argelino com a conquista da sua independência; e consequentemente da inutilidade da insistência da guerra sustentada pelo povo francês.

### Considerações finais

Tal como foi proposta por Frantz Fanon, psiquiatra e militante anticolonial, nascido martinicano e repatriado argelino, a *perspectiva acional* pode ser interpretada como uma resposta concreta ao falso universalismo de filosofias eurocêntricas. A universalização de uma condição humana digna exige ação conscientizada, moralizada e engajada das pessoas em lutas individuais e coletivas de desalienação. A partir das suas experiências militares, psiquiátricas, de militância política e produções intelectuais, Fanon foi um exemplo vivo de sua própria teoria filosófica. Para o martinicano-argelino, se a sociedade está organizada de tal maneira que causa a alienação das pessoas, isto é, a interdição da realização das suas potencialidades, então a sociedade precisa ser reorganizada, transformada desde os seus fundamentos, e isto só pode ser feito com o envolvimento direto das pessoas, além de mirar as instituições.

Desse modo, o reconhecimento da alienação colonial e o papel ativo do colonizado na sua libertação são premissas básicas da filosofia fanoniana. Ao longo da sua trajetória, Fanon formou seu pensamento a partir do *encorajamento à desalienação*, através: da conscientização dos fatores socioeconômicos do adoecimento e empobrecimento material e cultural do povo; e da participação direta do povo na sua recuperação psíquica e na luta política de sua libertação. Busquei demonstrar como a sua chamada obra política e seus trabalhos considerados de maior caráter psicológico manifestam pressupostos comuns. Segundo Gordon, “a escrita de Fanon reflete essa ‘urgência nascida da intimidade’ de quem vivenciou a negação, mas, sobretudo, optou por confrontá-la” (Gordon, 2015, p. 8 *apud* Faustino, 2015, p. 249).

Mesmo onde a autoria se estenda a um sujeito coletivo do texto, como naqueles redigidos para *El Moudjahid*, alienação e engajamento são respectivamente vinculados ao maior problema do colonialismo e sua maior solução. Por sua vez, a unidade e solidariedade dos movimentos de libertação humana seriam essenciais para a conquista da soberania de todos os povos. Afastando-se

uns mais e outros menos das suas formações profissionais de origem, os movimentos anticoloniais envolveram professores, carteiros, artistas, advogados, militares, médicos, engenheiros, agrônomos, Guerreiro Ramos foi um sociólogo, de longa carreira, e Frantz Fanon, um psiquiatra.

Muitos desses homens asiáticos, africanos e da diáspora, latino-americanos, caribenhos, compartilharam a trajetória de adentrarem círculos privilegiados para a época e utilizaram esta posição a favor da libertação nacional. Isto é, sem mencionar a imensa contribuição do movimento de mulheres do Terceiro Mundo, que participaram ativamente de diversos espaços de luta política, desde protestos de rua até na criação de organizações próprias e na participação em eventos internacionais, na audiência e no palanque, como na Conferência Internacional da Mulher de 1924, em Roma, na formação da Comissão sobre a Situação da Mulher em 1946 via Conselho Econômico e Social da ONU, na Conferência de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos de 1957, no Cairo, na criação da Federação Afro-Asiática para Mulheres e a realização da Conferência das Mulheres Afro-Asiáticas, ambas em 1961, etc. (Prashad, 2007).

Por fim, assim interpreto a teoria fanoniana desde uma perspectiva humanista radical e de um caráter filosófico descritivo e normativo, atravessada por uma noção de engajamento moral e sua expressão particular na forma de um engajamento político-cultural. Dentro disto, um tópico importante para Fanon foi diferenciar as tecnologias do opressor sendo usadas para nos oprimir, como o uso da medicina nas sessões de tortura, e o seu uso para nos curar e nos libertar, por exemplo o rádio e os remédios, as vacinas, ao invés de sempre rejeitá-las como um todo.

### Referências bibliográficas

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade:** a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo.** Lisboa: Sá da Costa, 1978.

\_\_\_\_\_. **Lettre à Maurice Thorez.** Paris: L'Humanité, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** São Paulo: Ubu Editora, 2020.

\_\_\_\_\_. **O olho se afoga/ Mãos paralelas – Teatro Filosófico.** Salvador: Editora Segundo Selo, 2020a.

\_\_\_\_\_. **Alienação e liberdade:** escritos psiquiátricos. São Paulo: Ubu Editora, 2020b.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da revolução africana.** Lisboa: Sá da Costa, 1980.

\_\_\_\_\_. **Por uma revolução africana:** textos políticos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

\_\_\_\_\_. **Escritos políticos.** São Paulo: Boitempo, 2021a.

- \_\_\_\_\_. **Œuvres**. Paris: La Découverte, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Os condenados da Terra**. Civilização Brasileira, 1968.
- FAUSTINO, Deivison. O que Fanon disse, afinal? Lewis Gordon e a defesa de uma abordagem fanoniana. **Plural**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 247-253, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro**. São Paulo: Ciclo Editorial, 2018.
- \_\_\_\_\_. Frantz Fanon: capitalismo, racismo e a sociogênese do colonialismo. **SER Social**, Brasília, v. 20, n. 42, p. 148-163, 2018a.
- \_\_\_\_\_. Sartre, Fanon e a dialética da negritude: diálogos abertos e ainda pertinentes. **II Colóquio Internacional sobre Sartre: interseccionalidades na compreensão do sujeito contemporâneo (Comunicação)**, 2019. Disponível em: [https://deivisonnkosi.com.br/wp-content/uploads/2020/03/SARTRE-FANON-E-A-DIALÉTICA-DA-NEGRITUDE-FAUSTINO\\_Deivison-2020.pdf](https://deivisonnkosi.com.br/wp-content/uploads/2020/03/SARTRE-FANON-E-A-DIALÉTICA-DA-NEGRITUDE-FAUSTINO_Deivison-2020.pdf)
- \_\_\_\_\_. Notas sobre a sociogenia, o racismo e o sofrimento psicossocial no pensamento de Frantz Fanon. **Revista Eletrônica de Interações Sociais – REIS**, São Lourenço do Sul, v. 4, n. 2, p. 10-21, 2020.
- \_\_\_\_\_. A política dos “escritos políticos” de Frantz Fanon (Prefácio). In: FANON, F. **Escritos políticos**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- \_\_\_\_\_. **Frantz Fanon e as encruzilhadas: teoria, política e subjetividade**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- GAUDENZI, Paula. Entrevista com Deivison Faustino realizada por Paula Gaudenzi e Wania Cidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 9, p. 2519-2526, 2023.
- KHALFA, Jean. Fanon, psiquiatra revolucionário (Introdução). In: FANON, F. **Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- NASCIMENTO, Rosânia. Femmes en Négritude: intelectuais negras silenciadas. **Entre-Lugar**, Dourados, v. 7, n. 13, p. 10-20, 2016.
- \_\_\_\_\_. Frantz Fanon no Brasil: Uma releitura da sua recepção pelo Pensamento Negro Feminista. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. XXVII, n. 1, p. 158-181, 2019.
- NOLASCO, Daniele; SILVA-REIS, Dennys. Sobre a não tradução de “Je suis martiniquaise” de Mayotte Capécia no Brasil. **Revista Rascunhos Culturais**, Coxim, v. 11, n. 22, p. 197-218, 2020.
- PASSOS, Rachel Gouveia. “Holocausto ou Navio Negroiro?”: inquietações para a Reforma Psiquiátrica brasileira. **Argumentum**, Vitória, v. 10, n. 3, p. 10-22, 2018.
- PRASHAD, Vijay. **The Darker Nations: A People's History of the Third World**. New York: The New Press, 2007.
- SILVA, José Victor. Nacionalismo e revolução no Terceiro Mundo: as propostas anticoloniais de Guerreiro Ramos e Frantz Fanon. **Sociologias Plurais**, Bacabal, v. 9, n. 2, 2023.

ZAHAR, Renate. **Colonialismo e alienação:** Contribuição para a teoria política de Frantz Fanon.  
Lisboa: Ulmeiro, 1976.